
AFIRMAÇÃO E NEGAÇÃO DA VIDA EM RADUAN NASSAR

Gustavo Fajarra Carmona¹

*“A vontade é impotente perante o que está para trás dela. Não poder destruir o tempo, nem a
avidez transbordante do tempo, é a angústia mais solitária da vontade.”
"Assim Falou Zarathustra, Friedrich Nietzsche"*

Resumo: O seguinte artigo propõe fazer uma aproximação entre o pensamento de Nietzsche quando trata da questão da afirmação da vida em oposição ao pensamento ascético da negação da vontade de viver de Schopenhauer, ambos expressos na escrita de Raduan Nassar em *Lavoura Arcaica* através da divisão dos familiares à mesa, sendo o primeiro representado principalmente pelo personagem-narrador André e o segundo pelo seu Pai. Com tal objetivo, pretendemos mostrar como a “afirmação da vida” e seus desdobramentos, inerente a André e ao lado esquerdo da família, perpassam toda a obra funcionando como eixo central da vida dos mesmos, em oposição ao *ideal ascético* do Pai e do lado “direito” da família. Por fim, mostrar como essa dicotomia é costurada por uma terceira personagem, escondida nas entrelinhas do texto, o Tempo, ora afoito e ansioso, ora calmo e paciente. É através dessas duas abordagens de vida, permeada pelos caprichos do tempo, que se desenvolverá nossa abordagem acerca do assunto.

Palavras-chave: Raduan Nassar; Vontade; Ideal ascético; Tempo.

Abstract: The following article proposes a connection between Nietzsche's thought when it comes to the issue of the affirmation of life, opposed to Schopenhauer's ascetic thinking that denies the will to live, both expressed in the writing in of Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*, through the division of the family table, the first being mainly represented by the character-narrator André and second by his Father. To that objective, we intend to show how the "affirmation of life" and its consequences, inherent to André and to the left side of the family, pervades the whole book, working as the centerpiece of the life of those, in opposition to the ascetic ideal of the Father and of the "right" side of the family. Finally, we want to show how this dichotomy is sewn by a third character, hidden between the lines of text, the Time, sometimes excited and anxious, sometimes calm and patient. It is through these two approaches of life, permeated by the vagaries of Time, that we will develop our approach on the subject.

Keywords: Raduan Nassar; Will; Ascetic ideal; Time.

¹ Aluno do programa de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: myfriendgooo@yahoo.com

1. O HOMEM COMO VONTADE

A intenção deste artigo é identificar uma possível ligação entre o pensamento de Nietzsche acerca do homem como vontade e afirmação da vida e a personagem André, em oposição ao pensamento de Schopenhauer, que sugere o ascetismo da vontade com a negação do querer viver como saída ao tédio e aos sofrimentos inerentes às vontades dos homens.

De um lado, o homem de Nietzsche, que celebra a vida e a existência, e tem como modelo Dionísio, o deus dos prazeres e das paixões, além de Zaratustra, o profeta de *Assim falou Zaratustra*, que ensinava aos homens a dizer “sim” a vida e a si mesmo: “Torna-te aquilo que és.”

Junto a esses aparece André, personagem-narrador de Raduan Nassar, que também vem afirmar a vida e todos os desejos de seu corpo:

... e muita coisa estava acontecendo comigo, pois me senti num momento profeta da minha própria história, não aquele que lança os olhos para o alto, antes o profeta que tomba o olhar com segurança sobre os frutos da terra, e eu pensei e disse sobre essa pedra me acontece de querer, e eu posso! (NASSAR, 1982, p.76).

Do outro lado, vemos o pensamento ascético de Schopenhauer em relação aos turbilhões dos desejos do corpo, restando no trabalho e numa vida “monástica”, a solução para aquietar, assim, as vontades que condenam o homem ao sofrimento.

... por ascetismo, entendo rigorosamente o aniquilamento refletido do querer que se obtém pela renúncia aos prazeres e pela procura do sofrimento; entendo uma penitência voluntária, uma espécie de punição que a pessoa se inflige para chegar a mortificação da vontade (SCHOPENHAUER, 2001, p. 410).

Assim o faz o Pai de André, nas suas pregações em torno da mesa e no próprio modo de vida que leva:

... ainda dos anseios isolados de cada um em casa, era preciso refrear os maus impulsos, moderar prudentemente os bons, não perder de vista o equilíbrio, cultivando o autodomínio, precavendo-se contra o egoísmo e as paixões perigosas que o acompanham... (NASSAR, 1982, p.20).

Apesar de parecerem completamente opostos, ambos os filósofos e seus respectivos “personagens-seguidores”, eles se aproximam em diversos aspectos, entre os quais um principal: o de que o homem vive de acordo com seu corpo e suas vontades, cabendo a nós, analisar como são tratadas essas vontades, cada um à sua maneira.

2. OS GALHOS DA FAMÍLIA

Visando estabelecer esta ligação entre os filósofos supracitados e Raduan Nassar, é preciso antes considerar como são divididos e como se contrastam as personagens de *Lavoura Arcaica*. Na voz de André, o escritor narra como era dividida a família:

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, Lula o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família. (NASSAR, 1982, p. 137-138).

Nota-se no lado direito, o lado do Pai, incluindo-se o mesmo, um caráter de ordem e austeridade: “O amor a união e o trabalho de todos nós junto ao pai era uma mensagem de pureza austera guardada em nossos corações” (NASSAR, 1982, p.19). E ainda sobre as vontades: “não nos deixando sucumbir às tentações, pondo-nos de guarda contra a queda” (NASSAR, 1982, p.20). Era preciso trabalhar em família e frear todos os impulsos e anseios do corpo e da alma.

No homem idealizado por Schopenhauer, a vontade, fundamento de todas as coisas que o cerca, se expressa no corpo e se afirma na satisfação das necessidades deste. O homem precisa satisfazer-se sexualmente para provar sua existência particular, para procriar e assim afirmar sua vida como infinita.

Este estado de alma “egoísta” toma a vontade e o “eu” como centro de tudo, se preocupando somente com sua existência e do seu bem-estar, esquecendo de todo o resto. Para o filósofo, esse turbilhão de vontades seria uma fonte inesgotável de sofrimentos. Isso porque todo o desejo será sofrimento enquanto não satisfeito, pois este sempre é gerado de uma falta.

Diante dessa infinita insatisfação Schopenhauer diz: “A vida oscila, portanto, como um pêndulo, da direita para a esquerda, da dor ao tédio” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 143). A alegria só seria possível diante da recusa das vontades, dos desejos e da vida. O homem de Schopenhauer seria feliz negando sua essência, sua individuação e seu querer, pois “quanto mais poderosa é a vontade, mais estrepitosa é a manifestação de sua luta consigo mesma, e, por consequência, maior é a dor.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 414)

Oposto a toda essa moral e negação da vida, surgem os conceitos de Nietzsche e o modo de vida de André afirmando tais conceitos: “Pedro, meu irmão, eram inconsistentes os sermões do pai” (Nassar, p. 41). O filósofo alemão critica o ascetismo de seu predecessor em sua obra *A genealogia da moral*:

A vida ascética é uma flagrante contradição; nela domina um ressentimento sem par, um instinto não satisfeito, uma ambição que queria apoderar-se da própria vida; emprega-se grande força para secar o manancial da força, até se vê o olhar rancoroso e mau do asceta voltar-se contra a prosperidade fisiológica, contra a beleza, contra a alegria, enquanto pelo contrário, procura com o maior gozo a doença, a porcaria, a dor, o dano voluntário, a mutilação, as mortificações, o sacrifício de si próprio (NIETZSCHE, 1988, p. 81).

É no próprio ambiente familiar que André começa por afirmar toda a plenitude de suas vontades, todos os desejos de seu corpo. Ele afirma enquanto simples representação da

vontade. O narrador-personagem pratica a zoofilia com as cabras da fazenda, se masturba pelos cantos da casa velha, passa as horas a contemplar a natureza e a energia que brota de seu corpo, culminando por fim no incesto com sua irmã Ana, que num misto de desejo e culpa acaba negando seu amor e fazendo com que André “caia no mundo”, forçado a fugir daquele ambiente onde suas vontades já não cabiam e onde já não poderiam ser satisfeitas. “Amar e ser amado era tudo o que eu queria, mas fui jogado à margem sem consulta, fui amputado, já faço parte da escória (...)” (NASSAR, 1982, p. 120)

Para André, é como se não houvesse escolha, pois se trata de um impulso cego, um apenas querer.

3. A VIDA COMO VONTADE

Quando André afirma que o lado esquerdo da mesa era o galho “purulento” da árvore familiar, me parece que a vontade vem engendrada junto a certa culpa. Culpa essa que não impede a carga de afeto exacerbada nas relações familiares. Para André, tudo começou já muito cedo entre ele e a Mãe: “eu e a senhora começamos a demolir a casa.” (NASSAR, 1982, p. 38). Um caso claro de complexo de Édipo, alimentado pela mãe desde a tenra idade:

... e esperando que ela entrasse no quarto e me dissesse muitas vezes “acorda coração” e me tocasse muitas vezes suavemente o corpo até que eu, que fingia dormir, agarrasse suas mãos num estremeamento, e era então um jogo sutil que nossas mãos compunham debaixo do lençol, e eu ria e ela cheia de amor me asseverava num cicio “não acorda teus irmãos coração (NASSAR, 1982, p.23).

E André ainda afirma: “se o pai, no seu gesto austero, quis fazer da sua casa um templo, a mãe, transbordando no seu afeto, só conseguiu fazer dela uma casa de perdição.” (NASSAR, 1982, p. 118)

Com a chegada da puberdade, o desejo e as vontades afloram no corpo de André. A personagem afirma tais vontades a despeito de quaisquer valores que tenham tentado ser impostos pelo Pai.

...eu tinha que gritar em furor que a minha loucura era mais sábia que a sabedoria do pai, que a minha enfermidade me era mais conforme que a saúde da família, que os meus remédios não foram jamais escritos nos compêndios, mas que existia uma outra medicina (a minha!), o que valia era o meu e só o meu ponto de vista, e que era um requinte de saciados testar a virtude da paciência com a fome de terceiros (NASSAR, 1982, p.96).

É na medicina dos desejos e usando o prazer como remédio para sua alma que André viverá. Suas primeiras experiências se dão com a cabra da família Schuda, “paciente, mais generosa, quando uma haste mais tímida, misteriosa e lúbrica, buscava no intercurso o concurso de seu corpo” (NASSAR, 1982, p. 18). A masturbação na casa velha também alivia seu furor adolescente: “vertendo todo meu sangue nesta senda atávica, descansando em palha o meu feto renascido, embalando-o na palma, espalhando as pétalas prematuras de uma rosa branca, eu já corria na minha espera..., que paixão mais pressentida, que pestilências, que gritos!” (NASSAR, 1982, p. 81).

Com o passar do tempo, o jovem começa a freqüentar as prostitutas. Era no bordel que André “escapulindo da fazenda nas noites mais quentes, e banhado em fé insolente, comungava quase estremunhado” (NASSAR, 1982, p. 61).

André se pergunta a esta altura, para onde está sendo levado um dia? A resposta está no incesto com sua irmã Ana, também parte do galho “desejoso” da família, onde se dará a coroação de suas vontades e a ruptura com a família e a partida da fazenda.

Observando Ana no meio da roda cigana, André sabia que ela também estava contaminada pelo “mal” do lado esquerdo da mesa: “essa minha irmã que como eu, mais que qualquer outro em casa, trazia a peste no corpo” (NASSAR, 1982, p. 26). Era Ana, sua irmã, que André desejava mais do que tudo. Era Ana que fazia seu corpo púbere se queimar em paixão: “meus olhos cheios de amargura não desgrudavam de minha irmã que tinha as plantas dos pés em fogo imprimindo marcas que queimavam dentro de mim” (NASSAR, 1982, p. 28)

Era só uma questão de tempo para que seu desejo fosse consumado. André esperaria como o garoto que espera a hora certa de puxar a armadilha em cima da pomba. E então como num sacrifício de uma ovelha, André consumaria o incesto com sua irmã Ana.

... e rasgado seu ventre de cima até embaixo, haverá uma intimidade de mãos e vísceras, de sangues e virtudes, visgos e preceitos, de velas exasperadas carpindo óleos sacros e muitas outras águas, para que a tua fome obscena seja também revitalizada; um milagre, um milagre, eu ainda suplicava em fogo quando senti assim de repente que a mão anêmica que eu apertava era um súbito coração de pássaro, pequeno e morno, um verbo vermelho e insano já se agitando na minha palma..., e, de mãos dadas, iremos juntos incendiar o mundo! (NASSAR, 1982, p. 93).

Na esperança de seguir vivendo essa paixão e diante da negação-muda de Ana, André, enfermo, se vê obrigado a partir da fazenda e da presença de todos. O narrador relembra: “era Ana a minha fome..., era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos” (NASSAR, 1982, p. 94).

4. O TEMPO

O tempo em *Lavoura Arcaica* funciona como uma terceira personagem, talvez a principal, uma mistura de deus e enxadrista no comando de seus peões que age de acordo com suas vontades. O tempo aparece nos sermões do pai e nas falas de André alternadamente.

O pai na cabeceira da mesa, com o relógio de parede atrás de si, com a voz marcada pelo pêndulo, defendia em seu sermão o exercício da paciência e o respeito pelo tempo: “o tempo é nosso maior tesouro” (NASSAR, 1982, p. 45). Era preciso respeitar seus caprichos e ter paciência acima de tudo:

... rico só é o homem que aprendeu, piedoso e humilde, a conviver com o tempo, aproximando-se dele com ternura, não contrariando as suas disposições, não se rebelando contra seu curso, não irritando sua corrente, estando atento para o seu fluxo, brindando-o antes com a sabedoria para receber dele os favores e não sua ira[...] por isso ninguém em nossa casa há de dar nunca o passo mais largo que a perna: dar o passo mais largo que a perna é o mesmo que suprimir o tempo necessário à nossa iniciativa[...] precipitando-se de modo afoito, cheio de pressa e ansiedade não será jamais recompensado (NASSAR, 1982, p. 46-47).

O pai parece não entender o que move o tempo do fenômeno. A vontade não conhece o presente.

E o pai continua em seu longo sermão: “Não lança contra ele o desafio quem não receba de volta o golpe implacável do seu castigo” (...) “ai daquele, mais lascivo, que tudo quer ver e sentir de um modo intenso: terá as mãos cheias de gesso, ou pó de osso de um branco frio, ou quem sabe sepulcral, mas sempre a negação de tanta intensidade e tantas cores” (NASSAR, 1982, p. 49). Diz ainda, como Schopenhauer, sobre as dores que vem junto às vontades e a necessidade de ascese das mesmas: “mas as dores da nossa vontade só chegarão ao santo alívio seguindo esta lei inexorável: a obediência absoluta à soberania incontestável do tempo, não se erguendo jamais o gesto neste culto raro; é através da paciência que nos purificamos” (NASSAR, 1982, p. 50)

Porém não era assim que o tempo se dava para André, não era assim que o tempo manipulava seu outro peão. Aqui se mostra o tempo da vontade enquanto vontade.

O tempo é versátil, o tempo faz diabruras, o tempo brincava comigo, o tempo se espreguiçava provocadoramente, era um tempo só de esperas, me guardando na casa velha por dias inteiros; era um tempo também de sobressaltos, me embaralhando ruídos, me guiando... o tempo me pesquisava na sua alma, o tempo me castigava (NASSAR, 1982, p. 83).

O sermão do pai era ainda reforçado: “a paciência há de ser a primeira lei desta casa, a viga austera que faz o suporte de nossas adversidades e o suporte de nossas esperas” (NASSAR, 1982, p. 51), “a paciência é a virtude das virtudes, não é sábio quem se desespera, é insensato quem não se submete” (NASSAR, 1982, p. 53).

André então nas mãos do tempo e das vontades obedece, enfim, ao seu corpo e mata sua fome de amor pela irmã. Relembra: “eu tinha simplesmente forjado o punho, erguido a mão e decretado a hora: a impaciência também tem os seus direitos!” (NASSAR, 1982, p. 77). Consuma então a relação sexual com Ana: “E embalando nos braços a decisão de não mais adiar a vida, agarrei-lhe a mão num ímpeto ousado” (NASSAR, 1982, p. 89). E

diz por fim: “deitado na palha, nu como vim ao mundo, eu conheci a paz” (NASSAR, 1982, p. 98)

Ana, também agente no incesto, se cala num misto de culpa e desejo. André implora pelo seu amor. Tenta de todas as maneiras exercer a paciência tantas vezes pregada na mesa do jantar. Diante do mutismo de Ana, a paciência se esgota, e André “enlouquece”. O tempo “mais forte do que eu é que puxava a linha e, menino esperto e sagaz, eu tinha caído na propalada armadilha do destino” (NASSAR, 1982, p. 100). Ocorre então a ruptura e a partida de André da fazenda.

Quando este retorna, convencido por Pedro, seu irmão mais velho e uma representação do Pai, parece que o Tempo havia mudado André. Não suas vontades, mas sua postura em relação a elas e aos valores do pai. Será? Há então um debate filosófico entre pai e filho. Seus valores e suas crenças são postos à prova.

O pai quer discutir os “problemas” de André, que questiona os valores “puros” do pai a partir de uma noção de alteridade e também de uma visão dicotômica e relativa do mundo.

...a saúde de que o senhor fala, existe nela uma semente de enfermidade, assim como na minha doença existe uma poderosa semente de saúde, [...] não acredito na discussão dos meus problemas, não acredito mais em troca de pontos de vista, estou convencido, pai, de que uma planta nunca enxerga a outra [...], imaturo ou não, não reconheço mais os valores que me esmagam, acho um triste faz-de-conta viver na pele de terceiros... [...] a realidade não é a mesma para todos [...] amor nem sempre aproxima, o amor também desune; e não seria nenhum disparate eu concluir que o amor na família pode não ter a grandeza que se imagina (NASSAR, 1982, p. 142-147).

O pai encolerizado traz a réplica, criticando a soberba e a pretensa profundidade do filho: “não foi o amor, como eu pensava, mas o orgulho, o desprezo, e o egoísmo que te trouxeram de volta à casa” (NASSAR, 1982, p. 149).

Diante da presença da mãe, angustiada atrás de si, André volta atrás, e num suposto recuo em relação ao pai, diz que está cansado da viagem e que fará tudo para merecer o amor e o orgulho do pai. Que irá enfim “dançar a música” tocada por ali.

No mesmo dia em que retorna à casa, na hora em que vai se deitar, André nota a presença de Lula, também fruto do galho esquerdo, “cujos olhos sempre estiveram perto de mim”(NASSAR, 1982, p. 157). A vontade fala mais alto novamente. Os olhos de Lula “eram sem a menor sombra de dúvida, os primitivos olhos de Ana” (NASSAR, 1982, p.159). Não seria hoje que André mudaria:

Minha festa seria no dia seguinte, e, depois, eu tinha transferido só para a aurora o meu discernimento, sem contar que a madrugada haveria também de derramar o orvalho frio sobre os belos cabelos de Lula, quando ele percorresse o caminho que levava da casa para a capela (NASSAR, 1982, p. 160).

O incesto se repete. Assim como se repete no dia seguinte a dança cigana que despertava os primeiros desejos de André. Tudo recomeça novamente como num *eterno retorno* – não o de Nietzsche, porém um “retorno” Schopenhaueriano. A vontade volta a entrar em ação, “e para cumprir-se a trama de seu concerto, o tempo, jogando com requinte travou os ponteiros” (NASSAR, 1982, p. 169). Dá-se então a peripécia final do tempo e da vida das personagens.

Em meio à roda, ao som de hipnóticas flautas, surge Ana. Não a Ana “santa” de antes, e sim a Ana “prostituta” que agora se apresentava, “toda ela ostentando um deboche exuberante, uma borra gordurosa no lugar da boca, uma pinta de carvão acima do queixo, a gargantilha de veludo roxo apertando-lhe o pescoço, um pano murcho caindo feito flor da fresta escancarada dos seios” (NASSAR, 1982, p. 166). Ana também afirmava a vida, ela também assumia suas vontades e André pensava: “era para mim, e só pra mim, que ela dançava (que reviravoltas o tempo dava)” (NASSAR, 1982, p. 168).

O irmão mais velho Pedro, um seguidor do pai, sem conseguir assistir ao que via, e sem conseguir mais esconder tudo que sabia, confessa ao pai a paixão que unia os dois irmãos.

Aqui, é relevante analisarmos como todos os valores do pai e a união da família desmoronam, toda a sua paciência desaparece, e num só golpe de alfanje, ele assassina Ana.

“era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai), era o guia, era a tábua solene, era a lei que se incendiava” (NASSAR, 1982, p. 169). Enfim o Pai era um homem de carne, “era sanguíneo, tinha substancia”. Antes de morrer de desgosto, a sua “vontade” foi feita. Para Nietzsche: “Quem, em prol da sua boa reputação, não se sacrificou já uma vez - a si próprio?” (NIETZSCHE, 1992, p.82)

A obra termina com uma reverência ao tempo, seus joguetes e suas transformações:

... e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre os seus desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pelos rebanhos: o gado sempre vai ao poço (NASSAR, 1982, p. 173).

Tanto no assassinato, quanto no suicídio, o que morre é apenas o fenômeno, não a vontade.

5. A LINGUAGEM NASSARIANA

Um último ponto importante a se tratar, é a linguagem utilizada por Raduan Nassar na construção de sua obra. Todo o embate entre a Moral e a Vontade antes aqui tratado é alicerçado pelo uso de comparações, hipérboles e parábolas, permitindo um diálogo intertextual com a bíblia. A prosa-poética nassariana cria uma metáfora bíblico-religiosa que potencializa a quebra de tabus a que se propõe o autor. Nota-se a presença do vinho, assim como a presença do pregador, dos pecados, da moral e principalmente da imagem do filho pródigo representado por André, entre tantas outras imagens presentes, as quais não pretendemos esgotar no presente artigo. O ritmo do texto em momentos embala as vontades do corpo de André, o filho desgarrado, em outros embala os sermões austeros do pai.

O intertexto entre o romance e a parábola do filho pródigo é claro, porém apresentando diferenças entre eles. Ambos, André e o filho pródigo bíblico, partem de casa

“com a peste no corpo” em busca dos prazeres de sua verdade. André sai da fazenda sem nada e só retorna, nada arrependido, por conta do pedido de seu irmão, enquanto o outro leva toda herança que demanda de seu pai e posteriormente retorna arrependido à casa. Ambos têm uma festa em homenagem ao seu retorno.

Raduan Nassar, através da voz de André, personagem transgressor dos valores, incestuoso, onanista e mesmo praticante da zoofilia, promove com sua *hybris*, a quebra de vários tabus universais da sociedade e da família.

CONCLUSÃO

Raduan Nassar expõe em sua obra *Lavoura Arcaica* a grande dúvida da filosofia ocidental do século XIX: seguir o misticismo moralista e a vida asceta dos santos ou seguir os caminhos da vontade e do prazer dionisíaco?

Não cabe a nós pesquisadores, julgar ou encontrar o certo ou o errado, o bem ou o mal e sim, perceber as várias dicotomias das quais o homem é feito, podendo mostrar uma ou outra dessas faces, com maior ou menor intensidade dependendo do momento e da situação em que se encontra ou ainda flutuando entre ambas, simultaneamente.

Cabe a nós esclarecer, e tentar explicar o ser humano, no caso aqui apresentado, diante do objeto da vontade, iluminando-o através da obra de Raduan Nassar e através dos ensaios de Schopenhauer e Nietzsche sobre o tema.

O homem é fragmentado e “a natureza fluída e fragmentada do eu, no seu ‘descentramento’ torna as identidades de tal modo incertas e frágeis” (PELLEGRINI, 2001, p. 61), tornando muito questionável que haja entre eles um Zaratustra, seguidor incansável das suas vontades, assim como um Buda, completamente ascético e sem nenhuma vontade.

O homem quer se entender e quer se afirmar, tentando buscar fundamentos para suas ações e compreensão para sua vivência. Uns tentarão o caminho solitário de suas vontades, outros buscarão o trabalho conjunto e os pequenos prazeres da vida comum.

Seja o homem um hedonista, seja um asceta, parece-nos que o tempo ou a vontade, juntamente com o destino, estará sempre por trás das coxias manipulando-os como fantoches, no vasto e multi-ideal teatro da vida.

Cabe a cada ser humano achar suas repostas, fazendo suas escolhas, dentro de suas possibilidades. O indivíduo moderno não tem a quem recorrer senão a si próprio, é a ele que cabe encontrar, na singularidade de suas vivências mais pessoais ou em grupo, um sentido para sua existência, onde seja possível o crescimento e a auto-superação que possa lhe proporcionar um viver real pleno e satisfatório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 2001.

PELLEGRINI, Tânia. Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência. *In: Novos rumos*, ano16, n. 35, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Trad. M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.